

# AS MANIFESTAÇÕES E AS ENCENAÇÕES ARQUÉTIPAS

Josias Alves da Costa<sup>1</sup>

*A parte herdada da psique; padrões de estruturação do desempenho psicológico ligados ao instinto; uma entidade hipotética irrepresentável em si mesma e evidente somente através de suas manifestações.<sup>2</sup>*

## **Introdução**

O conceito de arquétipo só ganha corpo quando se materializa por meio de um objeto. Na religião, por exemplo, a cruz, simboliza para o cristianismo um objeto de devoção; a estrela de Davi para o judaísmo também. Assim, todas as religiões do mundo têm o seu objeto de devoção, o qual é a forma materializada do sentimento arquétipo inserida no interior do ser humano. Fazer um resgate histórico dos arquétipos constitui o fundamento das crenças e também das grandes construções de mundo seja por imagens, seja por figuras, seja por construções arquitetônicas. Sua importância está no sentido de trazer à consciência o valor de cada momento da história da humanidade.

As construções do mundo sempre representaram um desejo ou um sentimento interno do ser humano, talvez isso explique o fato pelo qual, na maioria das vezes, elas são parecidas ou integram em si uma semelhança. Os arquétipos são percebidos, então, em comportamentos externos, especialmente os aglomerados em torno de experiências básicas e universais da vida, manifestas em rituais, mitos e símbolos. Neste sentido, conhecer suas origens e entender o processo de suas manifestações torna-se essencial para o processo de aprendizado e conhecimento das nossas estruturas materiais.

A finalidade deste texto é mostrar, através da teoria do arquétipo, que esse sentimento interno é verdadeiro e domina todas as sensações que o ser humano tem quando diz respeito a materializar suas construções, e na verdade, o próprio conceito de cidade está implícito nesse sentimento. As grandes cidades planejadas são construídas a partir de imagens interiores constituídas através dos esboços antigos perpetuados de geração a geração. Estes ganham formas nos blocos de concreto das grandes construções. Os esboços visualizados nos blocos de concretos são o conjunto de crenças, valores e experiências vivenciais e estas vão enraizando o sentimento e agrupando os ideais arquetípicos.

## **Raiz histórica do arquétipo**

Arquétipos são imagens feitas a partir do subconsciente humano. Nas proposições de Jung, reconhecidamente quem melhor formalizou este conceito, arquétipos são imagens psicossomáticas e não podem ser vistas senão por meio de suas manifestações em outros objetos, pela realidade manifesta em ritual, mitos e símbolos (Samuels, Shorter e Plaut, 2003, lista de verbetes/arquétipo). Os arquétipos, concebidos como imagens psicossomáticas, podem ser melhores compreendidos dentro da história da religião, a qual traz em seu contexto todo um arcabouço simbólico, mitológico e ritualístico. Esse processo começa nas questões arquetípicas, onde se passa uma espécie de pré-história do mito, do rito e do símbolo.

Fazendo uma breve reflexão sobre esses três objetos de manifestação arquetípica, apresentam-se as seguintes definições: Mito é “s.m. Narrativa popular ou literária, que coloca em cena os seres sobre-humanos e ações imaginárias, para as quais se faz a transposição de acontecimentos históricos, reais ou fantasiosos (desejados), ou nas quais se projetam determinados complexos individuais ou determinadas estruturas subjacentes das relações familiares.”; Rito é “s.m. Conjunto de regras e de cerimônias que se praticam numa religião.” Símbolo é “s.m. Objeto físico a que se dá uma significação abstrata.” (Dicionário online de português)

Mesmo em seu sentido literário e orgânico, esses objetos são nascidos dentro de um interior humano promovido por um processo de socialização remontada nas idades mais antigas. Quando se trata do processo manifestador, no caso do rito e do símbolo ambos são em si o modus operandis da adoração ou da sacralização do espaço, o símbolo é o mais perfeito objeto de visualização da sacralização do espaço. É ele quem vai perpetuar e justificar a reserva do ambiente para seu sentido místico e valorativo.

Em se tratando de manifestações arquetípicas, nada melhor do que olharmos para a pedra, muito utilizada pelas civilizações antigas como lugar de materialização do sentimento, do desejo do visível e do poder ver, tal como sugere Zacharias. Os homens pré-históricos trabalharam e talharam a pedra em sua forma mais primitiva e de várias maneiras, mas, quase todas elas, impunham em sua formatação uma espécie de culto, religião ou sacralização do espaço, constituindo-se, assim, arquétipos religiosos (Zacharias, 1995).

Criou-se, então, uma teoria: Todo o lugar de culto para se tornar sacro precisa de algo o referendando com o objetivo de torna-lo, de alguma forma, visível aos passantes e por aqueles que pudessem enxergar que ali havia uma divindade materializada. Funcionava quase de forma automática no interior do homem, portanto, muito cedo, ele começou a fazer manifesto o sentimento do seu interior ou até mesmo como uma expressão de sua alma. A rocha se torna, neste momento, o seu primeiro papel de escrita e de visibilidade do seu próprio sentimento. Não só de escrita, mas também como maneira de dar forma às encenações do imaginário humano. É o inconsciente sendo mostrado a ele e aos seus acompanhantes.

### **Os arquétipos na literatura bíblica**

A história dos profetas antigos, em todas as religiões, pressupunha a materialização de imagens arquetípicas, um grande exemplo disto é o oráculo de Isaías, capítulo 6, onde relata a aparição de divindades materializadas (Bíblia Sagrada, 2010). Em seu início, conta a história de quando e como ele é chamado por Yaweh (deus dos hebreus) a exercer o ministério da proclamação das palavras e da vontade divina. Em sua visão, ele enxerga um ser majestoso como figura divina, um anjo. Este anjo, já muito contado e retratado, é a figura arquetípica materializada. Há também no mesmo relato o conto da representação simbólica da purificação, uma brasa pegando fogo, viva. É assim que os povos depuram os mais preciosos metais existentes na época. Nestes elementos e seres celestiais são mostradas sua escolha e sua purificação.

Esse sentimento interior, do próprio profeta, era uma exigência da escola de formação profética da qual ele havia saído. Na escola se exigia, para o complemento da sua formação, um chamado miraculoso. Não é exagero pensar, que mesmo diante dos desafios da função profética, ele tinha o desejo de ver sua comissão feita de forma sobrenatural. Daí a razão pela qual o sentimento de ver manifestas as encenações vai se acumulando dentro dele e ele, então, começa a vislumbrar as imagens do seu interior sendo manifestada em forma simbólica, apoteótica e cheia de elementos sacros.

A escada de Betel, episódio da fuga de Jacó contado no livro do Gênesis bíblico, é outro grande exemplo arquetípico no misticismo religioso. Jacó saiu em fuga da sua casa devido à ameaça de morte feita pelo seu irmão Esaú. Durante o caminho, ele sabe que a única maneira de escapar da espada de seu irmão é acontecendo algo sobrenatural. Ao dormir, ele vê uma escada ligando o céu à terra e nela anjos descem e sobem. A escada

perpetua aquele lugar como a morada de Deus, ratificado pelo nome Betel – lugar da morada de Deus (Bíblia Sagrada, 2010).

Esse sobrenatural já estava criado dentro dele, pois ele não poderia pressupor o criar de algo não imaginado ou contado em algum conto antigo dando a ele a dimensão da potencialização da manifestação irreal de algo não acontecido. Assim, qualquer sentimento deveria, por sua pressuposição, ter sido contado ou visto em algum lugar.

Em ambos os casos, observa-se que havia o sentimento de materialização de algo não visível, ou seja, neste caso o sentimento tornando-se visível ou na melhor da hipótese sonhado. Tanto Isaías como Jacó usam a pedra como forma arquetípica para cunhar seu sentimento, por isso eternizam e, ao mesmo tempo, testemunham a materialização da divindade e de sua morada. E vários outros já usaram tipos diferenciados de manifestações sistemáticas extraídas de seu ser. Imagens, areias, massas, cera e goma são objetos utilizados como matéria prima para materializar os desejos mais profundos do coração oprimido por uma sensação não visível.

Observando estes fenômenos, destaca-se a religião como quem melhor usou as imagens arquetípicas para imprimir sua força. Quanto mais se volta na história, isto é, no relato das civilizações e seus objetos de criação, e se verifica seus relatos de construções, de religiões e de conceito comunitário, mais se descobre que são arquétipos antes interiorizados, agora dando forma a este processo constitutivo.

O próprio conceito de imagem e semelhança, relatado na formação do homem na história hebraica da criação (Bíblia Sagrada, 2010), é um exemplo dos arquétipos como um instrumento em si de avaliação e materialização do eu interior. É como se fosse uma matriz existente em algum lugar dentro do ser humano. De alguma maneira, esta matriz precisa ser exposta, exteriorizando seus sentimentos. Quem disse que o ser humano é imagem e semelhança de Deus, foi o próprio ser humano.

A imagem descrita no Gênesis bíblico fala do diálogo entre o criador e sua imagem – aqui exposto em fala e imagem. Para ele, o criador, o homem deve ser feito parecido com ele. Quando os autores bíblicos vão traduzir esse arquétipo imaginário, não mostram e nem falam da imagem do criador, mas estão, na verdade, tentando dar uma justificativa à sua própria aparência. *Deve ter vindo de algum modelo*, diria a criatura olhando sua imagem, *de onde será? Ele me criou!!!!* Descobre ele, feliz por ter encontrado resposta no intransponível imaginário do seu criador.

## **Os arquétipos na literatura primitiva**

O homem sempre foi um ser criativo e essa criatividade partiu do desejo de melhorar o seu ambiente e a dos à sua volta. E quanto mais se percorre esta história no sentido contrário, mais se tem a certeza de proximidades dessas verdades, seja para o bem ou para o mal. O anjo, por exemplo, seria do bem e as figuras assombrosas, como demônios, seriam do mal. É fato lembrar, ainda hoje, que isso continua em voga, as religiões de mistério ganham força exatamente no mistério. Cunhar tudo isso e formar um símbolo foram o grande desafio dessas religiões sagradas ou não sagradas, afinal, seria o símbolo que as manteria viva através dos anos.

Tratando sobre o arquétipo e o símbolo, Zacharias diz: “as pinturas paleolíticas das cavernas consistem, quase inteiramente, de figuras de animais cujos movimentos e posturas foram observados na natureza e reproduzidos com grande habilidade artística.” (Zacharias, 1995, p. 167) Essas imagens sugerem uma espécie de magia, continua ele, lembrando que para se invocar uma divindade era necessário envolver animais e locais sagrados. Essa sacralização era feita sempre de forma sobrenatural, dando o sentimento de ter sido a própria divindade quem autorizou o lugar por meio de alguma aparição mística, daí a necessidade de mitologizar e simbolizar o lugar. Os animais passam então a representar de alguma forma o mover do rito, eles simbolizam o culto ao ser supremo, invisível e assim os arquétipos da alma humana ganham forma.

As pedras mais remotas da história da humanidade estão cheias de imagens servindo como forma arquetípica de culto, tais imagens eram e são reverenciadas e tornam o lugar onde estão locais a serem reverenciados. O cavalo é outro exemplo, nas culturas guerreiras simboliza a força; o leão simboliza o domínio; os abutres e corvos simbolizam o azar; o boto, animal vivente nos alagados dos ribeirinhos do Amazonas, simboliza fartura e presença do deus protetor dos rios, etc. Cada cultura e civilização tem seu animal preferido, mapeando o sentido da existência daquela comunidade.

Em muitas religiões de mistério, ainda hoje, persiste a questão arquetípica do culto, seja representada por meio de fantasias, de objetos, de lugares ou até mesmo de horários comuns. Comum mesmo em todas elas são o ritual e os símbolos, existentes apenas na sobreposição dos conceitos de arquétipo razão da sua existência.

As construções do mundo sempre representaram um desejo ou um sentimento interno do ser humano, talvez isso explique o fato de que na maioria das vezes elas são parecidas ou integram em si uma semelhança com o homem ou algo de seu cotidiano, um

exemplo disso são os bustos construídos em honra aos heróis de guerras e pioneiros dos projetos das grandes edificações e porque também não pensar nos elevados modernos cujo objetivo é o da satisfação dos desejos de melhorias internas e externas, quase sempre visualizado a partir do seu interior insatisfeito com o visível. São os arquétipos internos reivindicando sua possível aparição.

Nas literaturas das religiões antigas, o deus imaginário tem a semelhança de quem exerce autoridade no momento, isto é, se for homem a figura é do sexo masculino, se for mulher a figura é do sexo feminino. Por mais que seja uma demonstração do psicológico, os arquétipos são uma verdade em toda a história das civilizações e bem sabemos da existência de ser uma tentativa de explicar sua originalidade, reproduzindo a imagem do poder da divindade, em se tratando de religiões.

Os arquétipos são vistos, então, em manifestações externas, tanto em comunidades primitivas ou modernas, usa-se a arquitetura, as imagens e os talhamentos para fazer conhecidos os seus sentimentos. Neste sentido, as comunidades primitivas e a história de suas origens ajudam a entender o processo de aprendizado e conhecimento das estruturas materiais presentes. As imagens talhadas na arquitetura moderna são uma forma de fazer conhecidos os arquétipos do homem moderno, assim, o moderno encontra retrato no antigo. Ao fazer manifesto seu desejo na arquitetura, o homem moderno só compreende o que ele fez, estudando e entendendo o primitivo.

Foi Carl Jung, falando a respeito do conceito de *numinoso*, que disse:

Uma instância ou efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatava e controla o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. O numinoso – indiferentemente quanto a que causa possa ter – é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade. O numinoso é tanto uma qualidade pertinente a um objeto visível como a influência de uma presença invisível que causa uma peculiar alteração da consciência.  
(Jung apud Samuels, Shorter e Plaut, 2003)

Mesmo no conceito de numinoso<sup>3</sup>, que explica a força propulsora da vontade e do desejo, o conceito de arquétipo necessita transitar antes. A vontade da manifestação da imagem só é possível se existir a imagem como pré-concebida de outro desejo. Para ter-se a vontade de desenhar uma imagem – isso seria a força propulsora – é necessário, no entanto, que se tenha a imagem já pré-concebida. Assim, a religião transita com muita facilidade entre o consciente e o inconsciente, mesmo não se preocupando com as definições nem o lugar onde surgem os arquétipos e símbolos, não levando em conta estas coisas que permitem ao homem não ser vencido pelo não desejo de ver materializado o

sentimento e a imagem que o define e o motiva à transformação, impulsiona-o a fazer cada uma delas.

Compreender os arquétipos universais foi como a humanidade encontrou para explicar o inexplicável mistério do mundo e de encontrar soluções para os progressos e mudanças da humanidade. Progresso, porque não se pode dar um passo à frente, de maneira clara, sem que haja um princípio de mudança. E mudança, porque sem ela o progresso não se materializa, ficando somente no imaginário, é na mudança que se clareia a necessidade de transformação. Nesse motivador se buscam as históricas imagens, linguagens, mitos e símbolos arquetípicos.

### **O inconsciente coletivo.**

O inconsciente coletivo é o ponto central na nossa história, pois é nele que as grandes civilizações basearam sua estada no mundo real, em todas as fases. Basta observar nossos valores, sejam eles religiosos, econômicos ou sociológicos, todos perpassam pelo caminho do inconsciente. É lá, no fundo do imaginário coletivo, onde ocorrem as mudanças de mundo, e porque não dizer, até mesmo seu surgimento. Mesmo quando alguém, usando de sua autonomia, impõe algo para sua experiência vivencial, esta vem da necessidade coletiva. Por exemplo, a criação de uma lei para preservar o patrimônio de uma grande cidade, a construção de uma vila para os sem casas, um píer para sossego ou um shopping que representa na modernidade os desejos satisfatórios, todos são do imaginário coletivo, mesmo que executado por uma atitude pessoal ou privado.

O inconsciente coletivo é quem tem força, diante de qualquer situação de poder, para construir qualquer figura que manifeste o desejo interior. E ele é visível sempre na virtuosidade da matéria, ou seja, seu aparecimento no real palpável é o sentido de sua existência interna. O muro de uma área de terra é um exemplo do desejo de ver seu espaço separado, isolado, como algo inviolável, mesmo na existência comunitária dos povos. Assim, sempre olhamos mais para dentro de nós do que para fora, pelo menos no que diz respeito ao arquétipo, só podemos visualiza-lo depois de uma profunda avaliação interna nos sentidos, desejos e sentimentos.

Os antigos povos se agrupavam em determinada região, começando sempre nas famílias e depois aumentando com a integração de outras famílias, para expressarem sua necessidade já construída internamente. Isto operava uma busca nas reais necessidades coletivas e em seguida suas realizações materiais. Para a organização da comunidade,

primeiro se estudava, depois se falava quais eram os desejos internos, então se construíam em matérias as necessidades do papel fundamental do arquétipo.

Tratando do tema do inconsciente coletivo, Jung exemplifica como sendo um mergulho na água. Para ele, a água é o símbolo mais comum do inconsciente e assim podemos entender nosso processo de aparições arquetípicas. É o homem que sonha à beira de um penhasco com um lago embaixo e à medida que ele avança em direção ao lago descobre que o mistério vai ficando cada vez mais profundo, assim sua busca por compreender o acontecimento leva-o para dentro do seu inconsciente (Jung, 2011, p. 27). Assim, o consciente coletivo comanda em princípio todas ou quase todas as decisões e atitudes dos seres humanos como sociedade. Esse princípio é por si só originário das grandes manifestações e encenações arquetípicas na história dos homens.

### **Mitos como encenações arquetípicas**

Os mitos são encenações arquetípicas. Surgem, então, com a finalidade de ganhar valor no meio dos grupos sociais, sejam eles tribos, índios ou comunidades. Eles são construídos pelo pressuposto da necessidade de perpetuação do conceito arquetípico expulso do interior do ser humano, pois de tanto pensar e sentir, os desejos e sentimentos em determinado momento saem como que involuntários. Sempre que pensamos em mitos, temos a ideia de como vai ser construído o visível, o real, o palpável, visto em imagens, às vezes contado em histórias, fábulas, contos etc.

“O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.” (Eliade, 1972, p. 11). Ele transmite os conceitos e valores de uma cultura passados por meio da fala oral e posteriormente das imagens e regras ritualísticas, nestes casos em ritos e símbolos, como forma de invocação e adoração.

A história da tomada de Jericó por Josué e o seu exército é envolta de mitos e serve para exemplificar o que está sendo dito. Desde a aparição do anjo que ele vê em pé sobre o muro e lhe dá instruções de como entrar na cidade, até o muro intransponível do ponto de vista bélico o que se tem é um arquétipo de poder, materializado no anjo e no muro. O muro e o anjo são exemplos clássicos desse modelo de conto, sacralizando a história vivida juntamente com seus realces acrescentados a ela no contar durante a história da comunidade. O mito conta que ao soar de trombetas e gritos, os muros caíram. Isso mostra o potencial do mito para a tradição cultural de um povo. Até hoje, os remanescentes dos



hebreus se vangloriam da história como se ela tivesse sido na sua mais intrínseca letra uma realidade, Josué 24.11 (Bíblia Sagrada, 2010).

Eliade defende a ideia de que eles podem até não serem, na sua totalidade, verdadeiros, mas fornecem os modelos de conduta humana nas comunidades já inexistentes e também nas existentes. (Eliade, 1972, p. 8). Culturalmente mostram quais eram os modos de vida em relação à religião, à economia e à política. À religião, porque naturalmente os mitos se transformavam em um objeto de força motivacional. Nas invasões e tomadas de terras, os guerreiros eram sempre guiados por um ser sobrenatural, anjos, visões, sonhos. O misticismo religioso estava sempre guiando a conduta. Na economia, era em busca de valores que lutavam. Nesta história, conta no livro bíblico, a terra não poderia ser usada por nenhuma pessoa que a invadisse, no entanto, todo o ouro e prata pertencentes a terra eram consagrados ao deus hebreus de forma que servisse de sustento a comunidade dali em diante. E na política, todos os projetos da comunidade eram baseados no mito e suas inserções criadas, passando desde a escolha do chefe da comunidade até seu comandante da força militar.

Os mitos com suas inserções são uma forma de compreender determinada cultura. A partir da avaliação mitológica da comunidade, podemos entender seu jeito de viver e de se relacionar. Isso nos leva a ver o mito como algo valorativo e não como simplesmente contos comunitários sem valor algum. Hoje em dia, qualquer rastro histórico que se tenha necessidade de fazer para conhecer e compreender como viviam determinados povos é necessário levar em conta o princípio do mito como algo real, sincero na expectativa comunitária.

Em nossa situação, por exemplo, no momento futuro quando outros estiverem fazendo uma pesquisa sobre a história dos primeiros quinhentos anos do Brasil e o povo brasileiro, terão obrigatoriamente a necessidade de falar sobre nossos mitos. O mito do Saci Pererê, por exemplo, conta a história de um menino levado andando de uma só perna e pregando peça nos transeuntes da floresta. Este personagem do folclore brasileiro diz muito da nossa realidade religiosa e cultural. Eles, nossos mitos, devem ser objeto de estudo sério como encenações arquetípicas.

## **Conclusão**

As manifestações e as encenações arquetípicas são essenciais na busca pelo sentido das construções de mundo; isto é, se não mostrarmos o que está no nosso interior de

maneira visível não temos como construir o mundo ou pelos menos fica difícil a sua construção. As construções de mundo se dão a partir das criações do imaginário popular e essa imaginação é autêntica e real. Apesar de autêntica e real, a originalidade da imaginação popular depende de comprovação mediante imagens e figuras extraídas do interior do indivíduo. As imagens provenientes do imaginário refletem algo interno como sendo a necessidade do homem de revelar-se mostrando seu interior.

As figuras, refletindo algo diferente do desejado, são uma espécie de aperfeiçoamento das imagens; é como se na figura fossem trabalhadas com mais delicadeza a própria imagem, como exemplo disto têm as cenas do imaginário criadas a partir de leituras literárias. O *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, mostra bem essa ideia, quando assistimos a obra temos a imagem da figura feminina vivendo como homem no meio do sertão, a imagem que se faz dela pode ou não ser como a vista na TV. No caso da minissérie, interpretada por Bruna Lombardi, o imaginário pode ou não corresponder à figura real da imagem feminina. Assim também, o escultor trata sua obra de arte, o ceramista trata sua transformação da argila na figura compreensível. Ao trabalharem, o ceramista a argila e o escultor a pedra, ambos dão lugar às inserções dos arquétipos. Neste momento, o arquétipo, ganha as modificações para torná-lo mais atual e próximo daquilo que se espera como manifestação arquetípica.

Assim sendo, o mundo ganha maior sentido quando se avaliam suas manifestações e encenações a partir do seu sentido originário, a ser buscado no interior do ser humano. Devemos considerar também que este sentimento é influenciado por sua experiência de criação, educação e de vida comunitária expressa nas coisas mais simples e mais complexas, desde o modo como dispõe sua lavoura até o meio de transporte utilizado para seu deslocamento.

Os modelos de carros são um grande exemplo disto. Basicamente são dois: o quadrado e o redondo, curvilíneo por assim dizer. O quadrado, de tempos em tempos, ganha detalhes nas pontas e acessórios parecendo totalmente modificado, no entanto, são os mesmo arquétipos originários dos modelos. A criatividade fica por conta dos detalhes e inserções arquetípicas. O redondo, da mesma maneira, ganha detalhes, mas imprime sempre o sentimento único e perfilado dos arquétipos interiores do indivíduo.

Nossas encenações, refletidas em algumas áreas da vida, mostram a verdadeira necessidade de dizermos como somos e o que desejamos para nossa existência. Na

religião, se reflete o nexos entre as encenações arquetípicas e o eu interior, pois ela revela a necessidade de satisfação com nosso interior e exterior.

Nas várias narrativas bíblicas, sempre encontramos arquétipos que mais tarde ganham força e corpo na construção das comunidades especialmente as do Mediterrâneo. Elas construíam belas obras para demonstrar a grandiosidade da cidade e deles mesmos.

O templo hebraico, construído por Salomão e registrado nos livros dos Reis bíblico, é outro exemplo de como o povo hebreu desejava ver manifestos seus desejos e necessidades em algo sólido. Ao desenhar a suntuosidade do templo estava em cena não a formosura do templo em si, mas seus desejos interiores revelados na edificação. A história dá conta das ofertas pedidas e trazidas pelos hebreus, incluindo o ouro e a prata especificamente colocados em seus devidos detalhes, tais como as cortinas, as colunas, a arca da aliança, a pia e outros desenhos de artes, todos feitos para imprimir o sentimento dos moradores da comunidade.

Assim procedendo, desejavam ter uma casa semelhante e se não dava para todos a terem, pelo menos o deus o teria. Dessa forma, as manifestações e encenações arquetípicas constituem um fenômeno de transformação cultural e são usadas como maneira uniforme de construções de mundos, referendando com os sentimentos coletivos.

### **Referências Bibliográficas**

Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

Dicionário online de português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/mito/> Acesso em: 26/04/2012.

ELIADE, Micea. Mito e realidade. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva S.A., 1972.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. Dicionário crítico de análise Junguiana. Tradução: Pedro Ratis e Silva. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Rubelo, 2003. Disponível em: [www.rubedo.psc.br/dicjung/abertura.htm](http://www.rubedo.psc.br/dicjung/abertura.htm) Acesso em: 28/04/2012.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. Arquétipo e símbolo. Integração, ano I, n. 3, nov., 1995, p. 166-172.

---

<sup>1</sup> Especialista em Docência do Ensino Superior e Mestrando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO.

<sup>2</sup> Jung apud Samuels, Shorter e Plaut, 2003, lista de verbetes/arquétipo.

<sup>3</sup> Para uma compreensão melhor sobre o conceito de numinoso, ler: Otto, Rudolf. O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional. São Paulo: Imprensa metodista, 1985.